

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que anunciamos o lançamento do segundo número da revista *Ponta de Lança: História, Memória & Cultura*. O início da jornada de uma revista de história é sempre árduo, mas a colaboração de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras demonstra a fraterna acolhida que nossa publicação teve no meio acadêmico brasileiro e internacional, inclusive com a incorporação dos professores Erivaldo Fagundes Neves, da Universidade Estadual de Feira de Santana (BA) e Héctor Domínguez-Ruvalcaba (University of Texas/Austin) ao nosso conselho editorial.

As contribuições remetidas articulam temas plurais entre a história cultural e a história da memória. Apesar de não se constituir em um dossiê, esta temática atravessa o conjunto de artigos deste número. Inicialmente, a realização do *Seminário Nacional 10 anos de História Popular do Nordeste* na Universidade Federal de Sergipe, em outubro de 2007, proporcionou fecundo diálogo entre os professores Antônio Fernando de Araújo Sá e Erivaldo Fagundes Neves, que abordaram os principais eixos temáticos do nosso corpo de pesquisadores e estudantes. O primeiro analisando como as principais vertentes da historiografia cultural contemporânea - os *Annales* e os *Cultural Studies* - têm nos ajudado a pensar as relações entre cultura e sociedade, entre o simbólico e o social. Já o segundo desenvolvendo interessante análise entre as complexas relações entre a história regional e a micro-história, ressaltando as particularidades e afinidades das duas formas do fazer histórico.

Dentro desta proposta, temos o consistente artigo de Lúcio Menezes sobre as relações entre patrimônio, pós-colonialismo e repatriação arqueológica, que busca responder três questões fundamentais para este debate: Quais são as vozes políticas que clamam pela gestão do patrimônio? Como os grupos subalternos se inserem nas políticas de representação do patrimônio? Como as políticas de repatriação favorecem as discussões sobre as articulações entre o ponto de vista nativo da História e os processos de hibridização cultural?

As duas outras colaborações centram-se, de um lado, na análise da juventude rebelde como tradição inventada, em que, no Brasil, se consubstanciou no estereótipo do jovem "revolucionário" do movimento estudantil pós-1968. Ao desconstruir tal mito, Hamilcar Silveira Dantas Júnior conclui que "os jovens tencionam com a história, eternamente caminhando na 'corda bamba', oscilando, mas seguindo em frente". Já Justino Alves Lima aborda a questão da resistência das manifestações populares em Laranjeiras/ Sergipe, estabelecendo uma correlação entre o que existe na cultura popular e o que está em extinção. Sua preocupação é mostrar que as manifestações populares resistem e se movem dentro de uma perspectiva de mobilidade cultural que associa o passado ao moderno.

Já o artigo de Gilliard da Silva Prado traz instigante debate sobre a história e a memória, partindo do processo de mitificação de Fausto Cardoso e Olímpio Campos na memória política de Sergipe, quando teve lugar uma verdadeira luta de representações entre os seguidores de Fausto Cardoso e Olímpio Campos, a partir das homenagens póstumas que eram prestadas aos seus respectivos líderes ao longo do século XX.

A religiosidade popular em Sergipe é analisada por João Hélio de Almeida, a partir da trajetória do padre Felismino da Costa na cidade de Frei Paulo, que se auto-intitulava do "pregador do fim do mundo". Classificado por uns como "louco" e por outros como "exorcista", "vidente" e "zeloso", o padre virou um "mito" e é lembrado pela memória popular no interior sergipano.

Por fim, os estudantes do curso de especialização em História Cultural, Thiago Fragata e Andréa Melo, trazem, cada um a seu modo, colaborações interessantes sobre o pós-colonialismo e a questão dos estudos culturais, que, por sinal, não tem encontrado a devida ressonância na discussão historiográfica.

As colaborações deste número explicitam nosso objetivo de manter a fecundidade do debate intelectual franco e aberto, aliado a alegria de lutar pela democratização do direito à memória como um dos princípios básicos da construção da cidadania em nosso país.

Boa leitura!